

"PSICANÁLISE E CONTEXTO CULTURAL"*

Denise C. Hardt PIRES**

O autor nos apresenta um livro de grande interesse para os profissionais relacionados com as áreas de psicoterapia, saúde mental e grupos terapêuticos. A partir de seu trabalho em ambulatórios de saúde mental, Jurandir Freire Costa desenvolveu com grande habilidade seu estudo, enfocando a interação entre a psicanálise e atendimentos grupais.

Logo na introdução coloca-nos a par dos principais problemas encontrados no atendimento em ambulatórios, problemas estes causados essencialmente pelo nível sócio-econômico-cultural da população atendida, que fica muito abaixo do encontrado na população que comumente tem acesso a processos psicanalíticos, além do modelo teórico habitualmente utilizado não sofrer qualquer adaptação à população.

A questão colocada no primeiro capítulo é essencialmente útil na compreensão do porquê da escolha do trabalho em grupo e da utilização da psicanálise; possibilita-nos entender a visão de grupo terapêutico do autor, onde esse grupo é uma instituição social com uma realidade que deverá ser interpretada diferentemente para cada grupo.

A prática da psicoterapia em ambulatórios vai encontrar a questão pré-concebida da "doença dos nervos" que invariavelmente será tratada por uma nosografia já consagrada com explicações feitas a partir do modelo freudiano. Este modelo leva à crenças preconceituosas que o autor estabelece em três níveis, no segundo capítulo. O primeiro relacionado com o conflito identificatório sempre ser interpretado como desvio da nor-

(*) COSTA, Jurandir Freire, *Psicanálise e Contexto Cultural — Imaginário psicanalítico, grupos e psicoterapias*. Rio de Janeiro, Campus, 1989.

(**) Mestranda — Pós-Graduação em Psicologia Clínica — PUCAMP.

malidade, além de ser sempre ignorado que esse conflito não é uniforme nas diferentes classes sociais. O segundo ponto relaciona-se com a idealização do processo dual paciente/terapeuta, considerado o único modelo possível de trabalho, esquecendo-se que o paciente do subúrbio não tem condição de ser analisado da maneira tradicional. O terceiro ponto trata da dificuldade da linguagem. Onde a "doença dos nervos" tem diferentes conceitos para cada indivíduo, torna-se mais fácil a participação do paciente num processo grupal, onde ele tem a possibilidade de comparar seu conflito com o do outro.

Diversos autores, tais como Freud, Lewin, Bion entre outros, são citados no decorrer do terceiro capítulo, onde o autor procura fazer um apanhado geral do conceito de grupo utilizado nas diversas linhas de trabalho terapêutico ou simplesmente como teoria social. Em vista das teorias estudadas, o autor mostra que as noções de grupo geralmente se tornam inadequadas no processo terapêutico prático, pois pressupõem características genéricas a todos os grupos, onde na verdade encontramos que esses grupos formam seus objetivos e se definem somente na prática. Assim, a idéia de fantasias grupais são mais formadas pelos próprios terapeutas que gerais a todos os grupos.

Além desta visão ampla sobre grupos, o autor nos apresenta no quarto capítulo um estudo do conceito de grupos no trabalho de Freud. Este, apesar de não ter se aprofundado na questão do grupo terapêutico, formulou questões sociais importantes para a compreensão da problemática enfocada. Como diz o autor "o que é possível ver em Freud é a descrição de um imaginário, onde indivíduos e grupos são concebidos de uma certa maneira" (p.103). Neste capítulo o autor abusa das citações, o que torna o texto um tanto cansativo.

Este imaginário citado será o tema do quinto e último capítulo, onde o autor finaliza recapitulando a noção de imaginação em diferentes pensamentos. Recorrendo a diferentes pensamentos sobre o imaginário, o autor acaba sendo novamente um tanto cansativo por se exceder nas citações. Apesar desses pontos, o autor passa com clareza sua idéia de melhor auxiliar o indivíduo em terapias grupais, sem querer com isso caracterizar seu trabalho como uma "psicoterapia de pobres e oprimidos".